

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
CURSO TÉCNICO EM GERÊNCIA EM SAÚDE

LUCAS RODRIGUES DE ARAÚJO BATISTA

**VELHA GUARDA E COMISSÃO DE FRENTE:
O tradicional e as inovações tecnológicas.**

Rio de janeiro,
2017

LUCAS RODRIGUES DE ARAÚJO BATISTA

**VELHA GUARDA E COMISSÃO DE FRENTE:
O tradicional e as inovações tecnológicas.**

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Me. Gregorio Galvão de Albuquerque

Rio de Janeiro,
2017

LUCAS RODRIGUES DE ARAÚJO BATISTA

**VELHA GUARDA E COMISSÃO DE FRENTE:
O tradicional e as inovações tecnológicas.**

Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Aprovada em dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^a

Prof^a

Prof^o

Rio Janeiro
2017

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por permitir e me ajudar a alcançar todas as glórias até o presente momento. À minha família, especialmente minha avó Glória, que tenho certeza que me apoiaria incondicionalmente na realização deste projeto, como sempre apoiou tudo em minha vida enquanto estava junto a nós. Aos meus pais, grandes responsáveis principalmente pelo tema, sou eternamente grato por tudo, inclusive por me apresentarem o samba de maneira tão grandiosa.

À todos os professores, amigos e funcionários do Colégio Nossa Senhora da Piedade, responsável pela maioria da minha formação até o momento. Levarei todos os momentos para sempre na memória.

À Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV – FIOCRUZ), que para mim representa mais do que uma enorme referência na formação técnica, mas sim um sonho realizado depois de muita luta. Daqui levarei para sempre os ensinamentos, as amizades e os valores aprendidos. Agradecimento especial ao Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde (NUTED – EPSJV), pela acolhida desde a minha chegada a essa escola, de lá levarei grandes amizades.

Ao meu orientador, Gregorio, por ter aceitado prontamente este desafio, me norteando e dando forças e conselhos na elaboração deste projeto.

Por fim, ao Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, minha casa no “mundo do samba”, onde cresço cada vez mais em saberes, acompanhando de perto o processo de construção de um carnaval, e absorvendo ensinamentos de grandes personalidades do samba.

RESUMO

À frente de uma escola de samba vem a intitulada comissão de frente, que é simbolicamente responsável por dar boas-vindas ao público. Atualmente, a comissão é uma das principais áreas que está sempre se adequando às inovações tecnológicas que os novos tempos e o regulamento dos desfiles pede. Outro setor da escola é a Velha Guarda, pilar de uma escola de samba, onde se carrega a tradição e as sabedorias das experiências vividas desde os primórdios do samba. Então como essa tradição convive com as inovações tecnológicas da comissão de frente? Este projeto busca esmiuçar algumas reflexões sobre uma escola de samba, desde o processo de construção até o desfile e seus maiores desafios.

Palavras-chave: Samba; Documentário; Cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Velha Guarda da Portela.....	14
Figura 2 - Comissão de Frente Portela (1991).....	15
Figura 3 – Comissão de Frente Unidos da Tijuca (2010).....	15
Figura 4 – Comissão de Frente Mocidade (2015).....	15
Figura 5 – Paulo, Caetano e Rufino.....	16
Figura 6 – Bandeira do Japão.....	17
Figura 7 – Bandeira da Portela.....	17
Figura 8 – Águia da Portela.....	18
Figura 9 – Natal da Portela.....	18
Figura 10 – Águia Redentora no abre-alas (2015).....	24
Figura 11 – Fiscais da Vigilância Sanitária na Cidade do Samba...24	
Figura 12 – Desfile da Portela (1984).....	24
Figura 13 – Desfile da Portela (2017).....	24
Figura 14 – Enredo Paraíso do Tuiuti (2018).....	25
Figura 15 – Enredo Beija-Flor (2018).....	25
Figura 16 – Enredo Mangueira (2018).....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 “ISTO DÁ SAMBA”.....	10
1.1 O NASCIMENTO DO SAMBA E DAS ESCOLAS DE SAMBA.....	10
1.2 DESFILES.....	11
2 “NA RODA DE SAMBA”.....	13
2.1 MODERNO X TRADICIONAL.....	13
2.2 VELHA GUARDA X COMISSÃO DE FRENTE.....	13
2.3 PORTELA.....	16
3 “ISTO DÁ UM FILME”	20
3.1 O DOCUMENTÁRIO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXOS.....	24

INTRODUÇÃO

Desde quando posso me lembrar, fui criado em um ambiente que tinha o samba como principal fator presente na família. Indo muito além do que apenas o gosto musical, o samba proporcionou aos meus pais amizades que acabei herdando, fez com que compartilhássemos paixões comuns, como compositores, intérpretes e o carnaval, encontrando neste último, um de meus principais alicerces. Assim, não podia deixar de falar sobre o samba em um dos primeiros momentos mais marcantes de minha vida acadêmica. O projeto será a consagração de uma paixão e o início de uma nova fase, com mais conhecimento e aprofundamento no assunto.

O carnaval é considerado o maior espetáculo da Terra e é notório que uma festa de tamanha magnitude não nasce de um dia para o outro, e muito menos das mãos de poucas pessoas consideradas “gênios” do carnaval. Para que tudo saia como o previsto durante os fatídicos 75 minutos de desfile, é necessária uma longa preparação que emerge ao final no carnaval anterior, com a produção de ideias para um enredo, passa pela composição do samba de enredo, pela preparação de uma comunidade apaixonada, pela produção de fantasias, alegorias e adereços nos barracões e se finda na cautela da comissão de harmonia e trabalho duro dos componentes que dão seu gás final pela escola, chegando finalmente ao fechamento do portão da Praça da Apoteose e no parar do cronômetro, sinalizando o fim de um trabalho árduo, mas ao mesmo tempo prazeroso.

Com todas as inovações atuais, o carnaval, em termos de desfiles das escolas de samba, teve de se adequar a novas normas, tecnologias e expectativas do público que assiste a grande noite de apresentações. Nos últimos anos, tais inovações se tornaram explícitas principalmente nas comissões de frente, com a troca de roupas em um passe de mágica, na Unidos da Tijuca em 2010, as “baratas” pegando fogo, na Mocidade Independente de Padre Miguel em 2015, entre outras.

Contudo, o principal pilar de uma escola de samba é a sua velha guarda, responsável por carregar todo o glamour e tradição dos primórdios dos blocos e das escolas de samba para os dias atuais. Alguns integrantes da Velha Guarda são extremamente resistentes ao chamado “carnaval moderno”, e defendem ferrenhamente a conservação dos antigos costumes.

Com isso, como se dá essa união do moderno com o tradicional no âmbito do samba? Como é estruturado um desfile? O que é cobrado da comissão de frente e da Velha Guarda no regulamento?

1 “ISTO DÁ SAMBA”

1.1 O Nascimento do Samba e das Escolas de Samba

Segundo Máslova Teixeira (2009) as escolas de samba nasceram por volta de 1920, nas imediações da Praça Onze, em meio a uma população marginalizada, resultado de uma migração rural exacerbada e da abolição da escravatura. 70 anos mais tarde, o que era apenas a manifestação espontânea de um grupo social restrito, tornou-se um espetáculo mundialmente conhecido e prestigiado, regido por fortes interesses econômicos e políticos.

Para a autora foi um projeto contraditório de “modernização do país”, onde se incluiu reurbanização, despejos e forte repressão a aqueles que não contribuíam para tal process

o, era impossível que não houvessem movimentos de revoltas e oposição. O samba está inserido nesse contexto como instrumento de estratégia de resistência, pois ele era abrigado nas casas de macumba, exemplo de centro de resistência da cultura africana na cidade, sendo, na época, duramente repreendida pela força policial.

Era preciso, então, desencadear, por um lado, um processo de educação para o trabalho, visando à sua conformação ao modelo de sociedade em construção, e, por outro, combater todas as formas de “não trabalho”, ou seja, de ócio ou de vadiagem, conforme expressões da época. O abandono de hábitos que pudessem ser identificados com o atraso colonial também fazia parte do projeto de “modernização” do país. (TEIXEIRA, 2009, p.127)

As casas de macumba funcionavam como ponto de referência e encontro não só para os religiosos, mas também para os adeptos da música, cultura e dança afro-brasileira. O comando dessas casas quase sempre pertencia a baianas, intituladas “tias”, que possuíam grande respeito e reconhecimento em meio ao seu grupo social, pois além de serem líderes religiosas, serviam também como apoio aos conterrâneos que quisessem sair da Bahia para morar na capital federal da época. Foi através dos encontros nas casas das tias, especialmente de Tia Ciata, a mais famosa baiana da Cidade nova, que o samba nasceu como gênero musical. Nas festas haviam rodas de samba, onde os frequentadores arriscavam versos improvisados e produziam composições de autoria coletiva.

Um pouco mais adiante, em meados de 1920, o samba já quase não sofria repressão policial e passou a possuir movimentos de valorização. Com a vida se reconstituindo nos morros e subúrbios, os locais de encontros se expandiram, e culminaram na criação das escolas de samba, oriundas dos grupamentos festivos e grupos carnavalescos presentes nos morros da região da Praça Onze e do Estácio.

Já chamando a atenção de toda a reunião desses grupos festivos despertaram a curiosidade de alguns jornalistas, que acabaram por promover o primeiro concurso entre as agremiações, por meio de um jornal, em 1932. Porém, o primeiro desfile já tinha sido realizado, em 1930. Com o desenvolvimento político e o surgimento da nova República, o samba ganha lugar de prestígio, tornando-se importante para a institucionalidade nacional.

Em 1934 foi criada a UES (União das Escolas de Samba), que tinham como principal objetivo a oficialização dos desfiles, que por sua vez garantiria a subvenção oficial às escolas, como já acontecia com outras manifestações.

O projeto de industrialização do país demandou um aparato jurídico e institucional que materializou-se na criação da legislação trabalhista e previdenciária, na criação e desmembramento de ministérios e de diversas organizações representativas da sociedade, dentre elas a União das Escolas de Samba(UES)⁷, em 1934. A UES nasce com o objetivo mais imediato de conquistar a oficialização do desfile, o que garantiria às escolas uma subvenção oficial, a exemplo do que já ocorria com os blocos, ranchos e grandes sociedades. (TEIXEIRA, 2009, p.131)

1.2 Os Desfiles: Instrumentos didáticos e disciplinadores

Para os autores Alessandro Soares, Rochele Loguercio e Luiz Felipe Ferreira (2016) o lado didático e disciplinador dos desfiles se tornam evidentes a partir da estética do sambódromo da Marquês de Sapucaí através da sua arquitetura, suas variantes, sensações e o efeito que ela causa no desfile, em como se fazer carnaval, e nos seus espectadores.

A Sapucaí disciplina o desfile, marca um lugar em que tudo é visto por todos, e todos disciplinam todos, julgam cada ala, cada alegoria, cada espaço vazio, pois existem regras, existem olhares que mantêm a maneira de se olhar e de se confeccionar o desfile pela estrutura do local, pelo posicionamento que são dispostos os observadores.” (SOARES, LOGUERCIO e FERREIRA, 2016, p.137)

A avenida sugere um desfile de forma sequencial, com ideias encadeadas, em uma espécie de “aula” sobre o tema proposto, por conta do espaço e da arquitetura disponibilizados. Essa ideia contrasta um pouco com a narrativa dos historiadores, que dizem que o avanço sequencial em linha reta é uma possível herança das grandes sociedades.

Segundo os autores, de uns tempos para cá, foram surgindo cada vez mais enredos com temáticas educativas, possibilitando a inserção de disciplinas como química biologia e física por meio dos argumentos utilizados para ensinar o tema proposto. Porém, como há um tempo máximo de duração do desfile de cada escola (hoje 75 minutos), é necessário pensar no tempo e no ritmo de avanço de cada ala, alegoria e componente. Com isso, o desfile se torna compacto, e deve ser de fácil compreensão, pois a visualização de cada argumento pelos observadores é rápida. Para discorrer sobre o tema, cada escola dispõe de um samba de enredo, onde a história proposta é cantada, com o auxílio da bateria, componente essencial na execução do ritmo e da cadência do desfile.

2 “NA RODA DE SAMBA”

2.1 Moderno x Tradicional

A discussão que compõe essa dicotomia está presente em vários aspectos além do samba. Podemos percebê-la no âmbito científico, social, histórico, entre outros. Na maioria dos casos, o moderno foi trazido com solução da necessidade de renovação, para que o tradicional não morra. Sempre que ocorre uma renovação, os mais conservadores dizem que existe uma crise, movidos pelo medo do novo e o apego aos costumes mais antigos. No caso das Escolas de Samba, o processo de modernização deu-se por conta da forte espetacularização e mercantilização dos desfiles, somado às evoluções tecnológicas que se encontram cada vez mais avançando no mundo.

2.2 Velha Guarda e Comissão de Frente

Vista como o pilar de uma agremiação, é na Velha Guarda onde mora a sabedoria, o tradicionalismo e a experiência adquirida pela vivência dos seus integrantes nos primórdios do samba. Composta por todos aqueles que contribuíram para o nascimento e o sucesso da escola de samba que integram, a velha guarda tem componentes de todos os setores da agremiação: mestres-salas, porta-bandeiras, diretores de harmonia, ritmistas, assistentes e compositores, além de membros da diretoria e de outros integrantes que tenham contribuído fervorosamente e durante bastante tempo para o sucesso da escola. (CORREA, 2011)

Antigamente, era a responsável por saudar o público, dar boas-vindas, e pedir passagem para o desfile que vinha atrás. Após apresentar a escola, os componentes retiravam-se para as laterais da avenida de desfiles e aguardavam a passagem da agremiação, retornando ao final do desfile para o encerramento e cumprimento do público. Entende-se assim que a Velha Guarda é diretamente responsável pela preservação da identidade da escola, e deve participar ativamente da administração da escola, opinando, fiscalizando e colaborando com a manutenção da tradição da escola. Porém, deve-se ressaltar que a velha guarda atua hoje como porto seguro do cotidiano da escola, e infelizmente tem sua importância apegada no fatídico dia do desfile, já que somente são avaliados no quesito fantasia, com o conjunto da escola. Sua importância transcende o universo das agremiações, e alcança o posto de patrimônio cultural do samba. Seu valor e reconhecimento devem ser imensuráveis.



Figura 1. Velha Guarda da Portela

Fonte: Compositores da Portela, 2013

Trazendo a etimologia dos verbetes, temos no Dicionário *Houaiss* “*comissão sf (lat comissione) Conjunto de indivíduos encarregados de ocupar-se de determinado assunto*”. Já a palavra frente: “*sf (cast frente)*” entra neste contexto como: vanguarda, que segundo sua origem: “*sf (fr avant-garde) fileira, linha avançada de um exército, onde se travam uma batalha, parte anterior de qualquer coisa*”. A comissão de frente, segundo Correa (2011) é qualificada desde seus primórdios como sendo, tanto materialmente quanto simbolicamente, a guardiã da agremiação durante o desfile. Vinham em sua composição, integrantes da diretoria e da velha guarda da escola, carregando bastões, como se estivessem armados, simbolizando os protetores da agremiação. (BARROS, 2016)

A Portela foi a primeira escola a inovar neste quesito, trazendo os integrantes com fraques e cartolas, fazendo coreografias ritmadas com o samba. De lá pra cá, as inovações não cessaram. Foram aos poucos inseridos elementos como alegorias e indumentárias, e mais tarde as maiores transformações: as escolas começaram a contratar artistas plásticos e coreógrafos. (BARROS, 2016)

A união destas duas classes causou um grande impacto com seu resultado. Os trajes ricos de acordo com o enredo da escola, e as coreografias de acordo com a história contada pela agremiação acabaram elevando as comissões de frente ao patamar de um dos pontos mais altos e mais aguardados de um desfile. A comissão de frente é julgada pelo regulamento da seguinte maneira:

CONCEPÇÃO / INDUMENTÁRIA: (valor do sub-quesito: de 4,5 à 5,0 pontos)

a concepção da comissão de frente e a sua capacidade de impactar positivamente o público, no momento da apresentação da Escola;

a indumentária da Comissão de Frente, levando-se em conta, neste caso, sua adequação para o tipo de apresentação proposta. **APRESENTAÇÃO / REALIZAÇÃO: (valor do sub-quesito: de 4,5 à 5,0 pontos)**

o cumprimento da função de saudar o público e apresentar a Escola, sendo **obrigatória** a exibição em frente às cabines de julgamento deste Quesito, mesmo que em movimento;

a coordenação, o sincronismo e a criatividade de sua exibição, podendo evoluir da maneira que desejar. (LIESA, 2016, p.46)



Figura 2: Comissão de Frente da Portela, 1991

Fonte: Blog Compositores da Portela, 2013



Figura 3: Comissão de Frente da Unidos da Tijuca, 2010

Fonte: O Globo, 2010



Figura 4: Comissão de Frente da Mocidade, 2015

Fonte: UOL Carnaval

2.3 Portela

O bairro de Oswaldo Cruz surgiu a partir do loteamento de terras pertencentes ao português Miguel Gonçalves Portela, na região do Vale do Rio das Pedras. O nome dado ao bairro em 1917 foi uma homenagem ao médico sanitarista grande responsável pela erradicação de epidemias no Rio de Janeiro, que acabara de falecer. (SIMAS, 2012)

Descrita como uma região extremamente pobre, sem saneamento básico, luz elétrica e calçamento, Oswaldo Cruz era, ainda assim, sede de muitas festas, praticamente todos os fins de semana, onde as macumbas brasileiras se juntavam aos batuques do samba, caxambu e a dança do jongo. Assim, o bairro começava a se tornar um legítimo berço de bambas.

“- A Portela teve uma geração espontânea!”- entoada por um dos fundadores da agremiação, Antônio Rufino, essa frase era utilizada para responder os historiadores e pesquisadores que o indagavam sobre os primeiros anos da escola de samba. Com isso, ele admitia a dificuldade de exatidão na cronologia portelense.

“É justo dizer que as dúvidas que envolvem a criação da Portela são recorrentes em praticamente todas as escolas de samba surgidas na primeira metade do século XX. Como organizações oriundas dos segmentos afro-brasileiros da população, as escolas de samba são tributárias da forte tradição da cultura oral, característica dos povos africanos e indígenas.” (SIMAS, 2012, p.33)

No início da década de 1920, dona Esther, uma grande festeira de Oswaldo Cruz, fundou o bloco de carnaval Quem Fala de Nós Come Mosca. Como dissidência desse bloco, surgiu em 1923 o bloco Baianinhas de Oswaldo Cruz, liderado por Paulo Benjamin de Oliveira – o eterno Paulo da Portela -, Antônio Rufino, Antônio da Silva Caetano e Galdino Marcelino dos Santos. Oficialmente, a escola considera o ano de 1923 como o de sua criação, apesar de algumas discordâncias.



Figura 5: Paulo, Caetano e Rufino, os fundadores da Portela

Fonte: Raiz do Samba, 2013

Outra versão diz que o Bloco Baianinhas de Oswaldo Cruz se findou após desentendimentos entre Galdino e Rufino. Com o final do Baianinhas, Caetano, Paulo e Rufino resolveram fundar outra agremiação, o Conjunto Carnavalesco de Oswaldo Cruz, em 1926.

O ponto comum entre as duas versões é que a agremiação se originou da iniciativa de Paulo, Rufino e Caetano. É também resultado de um ambiente repleto de festas religiosas e profanas, com uma população apaixonada por brincar carnaval.

Segundo Simas (2012), no final dos anos 20, o Conjunto Carnavalesco de Oswaldo Cruz passou a se chamar Quem Nos Faz É o Capricho, e pouco tempo depois adotou o nome de Vai Como Pode. O nome atual da agremiação surgiu de uma inusitada e curiosa situação:

“Em 1935, um ano marcado por tensões decorrentes de um levante de comunistas contra o governo de Getúlio Vargas, a chamada Intentona, a Prefeitura do Rio determinou que as escolas de samba deveriam se registrar como grêmios recreativos nas Delegacias de Costumes – um exemplo contundente da tentativa do poder público de disciplinar o mundo do samba. O delegado responsável pelo registro das escolas, Dulcídio Gonçalves, considerou o nome Vai Como Pode inapropriado; perguntou, então, onde era a sede da agremiação. Quando soube que a escola tinha como endereço a Estrada do Portela, sugeriu a adoção de Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela.” (SIMAS, 2012, p.41)

Nesse período também surgiram a escolha da águia, o maior símbolo da escola, e a bandeira, que se mantém a mesma até os dias atuais. O idealizador de ambos foi Antônio Caetano. Ele elegeu como símbolo da agremiação a águia, pois acreditava ser ela a ave capaz de voar mais alto. A bandeira veio de inspiração nos raios de sol do antigo pavilhão do Japão nas primeiras décadas do século XX, com a águia no centro. Com o final da Segunda Guerra, a bandeira do Japão foi modificada, restando apenas o sol nascente, e perdendo os raios que serviram de inspiração ao pavilhão portelense. (SIMAS, 2012)



Figura 6: Bandeira do Japão no século XX

Fonte: Toda Matéria, 2018



Figura 7: Bandeira da Portela

Fonte: GRES Portela, 2016



Figura 8: Águia da Portela
Fonte: Amigos da Águia, 2007

É datada em 1968 a primeira vez em que a Portela colocou seu símbolo maior no seu abre-alas, ao desenvolver o enredo “O tronco do Ipê”, baseado no livro de José de Alencar. (SIMAS, 2012)

Paulo da Portela acabou rompendo com a escola após um desentendimento interno causado pelas vestimentas dele, de Cartola e de Heitor dos Prazeres, que retornaram de uma série de shows em São Paulo, em 1941, direto para os desfiles da Praça Onze. O mestre-sala Manuel Bam-Bam-Bam proibiu Cartola e Heitor de desfilarem com as vestimentas preta e branca, acrescentando ainda que seria aberta uma exceção para Paulo, que também estava com as mesmas roupas. Depois de forte discussão entre os componentes, Paulo foi retirado do desfile e se afastou definitivamente da escola que havia fundado. Sem Paulo, a Portela passaria a viver a década mais vitoriosa de sua história, sob comando de Natalino José do Nascimento, o Natal, nos anos 1940.



Figura 9: Natalino José do Nascimento, o Natal.
Fonte: Blog Compositores da Portela

Após isso, a Portela acumulou 21 títulos em pouco mais de 40 anos, em que alguns deles ficaram marcados na história do carnaval carioca. O último título antes do longo jejum foi no ano de 1984, título em conjunto com a Mangueira, no ano de inauguração do Sambódromo. O jejum de títulos já mencionado perdurou até o ano de 2017, em que novamente com um título dividido, dessa vez com a Mocidade Independente de Padre Miguel, a Portela reencontrou o caminho da vitória, voltando ao lugar de postulantes ao título do carnaval, lugar cujo sempre foi da agremiação por direito.

3 “ISTO DÁ UM FILME”

3.1 O Documentário

Como foi descrito nas fases de pré-projeto e qualificação, a ideia inicial do projeto era realizar um documentário composto por imagens do cotidiano do G.R.E.S. Portela, bem como a gravação e análise de entrevistas com a carnavalesca Rosa Magalhães, componentes da Velha Guarda da agremiação e alguns coreógrafos consagrados e integrantes de comissões de frente. Rosa foi escolhida por, além de enorme experiência, é a única carnavalesca campeã em todas as quatro décadas da era Sambódromo, e ganhou campeonatos tanto no carnaval tradicional, quando no considerado moderno. Rosa fez grandes carnavais e com certeza daria uma enorme contribuição para o enriquecimento do projeto. Os integrantes da Velha Guarda e de comissões de frente nos ajudaria a compreender melhor essa dicotomia abordada no projeto, por serem o material humano diretamente ligado a tal questão.

Porém, infelizmente o projeto foi realizado em uma época sombria para o carnaval, que ficou gravemente ameaçado por questões políticas, e quiçá religiosas, que levaram o prefeito do Rio de Janeiro a perseguir o carnaval, e tentar prejudicá-lo em todos os aspectos que ele podia. A Cidade do Samba, local onde fica centralizado todo o trabalho dos artesãos e artistas do carnaval, ficou quase 2 meses interditada para supostas inspeções do Ministério do Trabalho. Tal interdição prejudicou e muito o andamento do trabalho das escolas, e acabou refletindo no desenvolvimento deste projeto. Os integrantes, principalmente a carnavalesca Rosa Magalhães, ficaram impossibilitados de realizar as entrevistas durante a interdição, e após ela, não houve tempo hábil para tal, visto que após a liberação, a retomada dos trabalhos teve de ser à todo vapor, e mais acelerada do que o normal, o que afetou a disponibilidade dos candidatos a entrevistados.

Foram gravadas algumas imagens do ensaio de quadra do dia 29 de dezembro de 2017, que serão utilizadas para a composição do documentário assim que o mesmo se tornar viável, através da realização das entrevistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que, ambos os segmentos abordados são fundamentais para a construção do carnaval de uma agremiação. A comissão de frente como quesito e apresentação de um resumo do enredo que vem logo atrás, e a Velha Guarda como alicerce da escola. Essa segunda, porém, perdeu um pouco do seu espaço com as adequações ao regulamento atual e as modernizações do desfile.

Assim, pode-se perceber que o casamento perfeito entre o tradicional e o inovador leva ao triunfo, como foi visto no carnaval de 2017 com a Portela e Paulo Barros. Não é preciso esquecer os velhos costumes para atingir a perfeição de um desfile, é necessário somente encaixá-los da maneira correta na “receita de bolo” que é a realização de um carnaval grandioso.

Este projeto foi de imensurável importância, pois, apesar das dificuldades encontradas, permitiu aprofundamento não só em algumas reflexões que rondam o carnaval, como na história de lugares e instituições frequentados regularmente. Tal aprofundamento é de extrema necessidade para que se entenda mais do fascinante e rico espetáculo que é o carnaval do Rio de Janeiro.

Apesar de bastante prejudicado, o carnaval de 2018 não se deixou abater e será realizado após muita luta e suor das agremiações, seus trabalhadores e seus componentes. Com uma quantidade relevante de enredos críticos e didáticos, de acordo com o momento que o país enfrenta, os desfiles prometem expor questões bastante polêmicas não só em relação aos problemas que o carnaval vem enfrentando, mas também em questões de âmbitos maiores.

E daqui pra frente, o que será do carnaval? Quais são as mudanças iminentes? Qual será a próxima modernização que o carnaval precisará se adequar? O carnaval ainda será refém de questões políticas?

A única certeza é que o carnaval e o samba precisam de união, assim como fizeram na época em que ambos eram marginalizados. É preciso consciência e resistência de todas as gerações do samba, desde a Velha Guarda até a ala das crianças, afinal, como bem disse o poeta Nelson Sargento, “o samba agoniza, mas não morre”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Tiago de Melo. (1995). Título: VIANNA, Hermano – O Mistério do Samba. Revista Brasileira de História, Rio de Janeiro, vol. 21, n.42, p. 525-530, 2001.

BARROS, Jussara de. "Comissão de Frente"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/carnaval/comissao.htm>>. Acesso em 01 de dezembro de 2016.

MARANHÃO, Cézar. Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a "questão social" e a questão cultural no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, n. 119, p. 593-595, 2014.

VALENÇA, Máslova Teixeira. Escolas de Samba: conformação e resistência. *Sinais Sociais*, Rio de Janeiro, vol 4, n.10, p. 122-157, 2009.

CORRÊA, Elizeu. Os guardiões da folia: ordem e segregação nas comissões de frente das escolas de samba do Rio de Janeiro. *Projeto História*, n.43, 2011.

SOARES, Alessandro Cury; LOGUERCIO, Rochele de Quadros; FERREIRA, Luiz Felipe. Da passarela do samba ao enredo: a visibilidade da ciência no desfile das escolas de samba. *Revista Interface*, edição n.12, p.135-146, 2016.

SIMAS, Luiz Antonio. Tantas Páginas Belas: Histórias da Portela. *Cadernos de Samba: Portela*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2012.

FERREIRA, Felipe. O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro. 2ª Edição. Brasil: Ediouro - Singular, 2009.

BARBOSA, Juliana dos Santos. Semioses do Carnaval: a construção de sentidos no projeto estético-criador de Paulo Barros. *Estud. Ling., Londrina*, n.20, p.100-121, agosto de 2017.

Filmografia

SAMBA, No Mistério do. Direção: Lula Buarque de Hollanda, Carolina Jabour. 2008. (88 min).

ATLÂNTIDA, Carnaval. Direção: José Carlos Burle. U.C.B Distribuidora. 1952. (95min)

NEGRO, Orfeu. Direção: Marcel Camus. 1960 (105min)

ANEXO



Figura 10: Águia Redentora no carro abre-alas, 2015

Fonte: WSCOM

Figura 11: Fiscais da Vigilância Sanitária
na Cidade do Samba

Fonte: G1



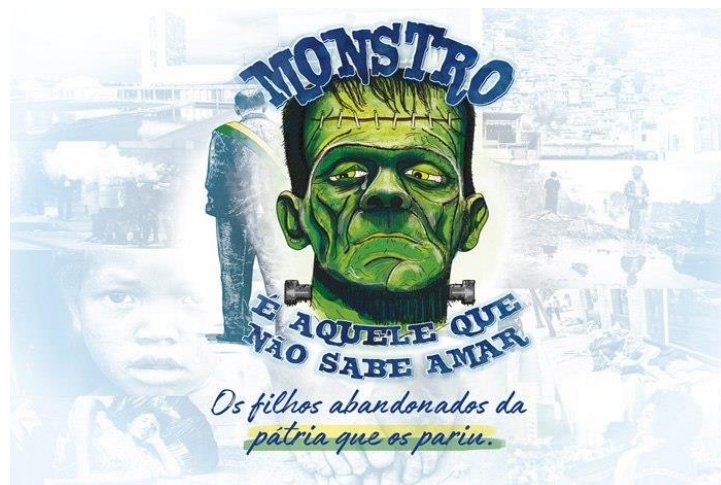
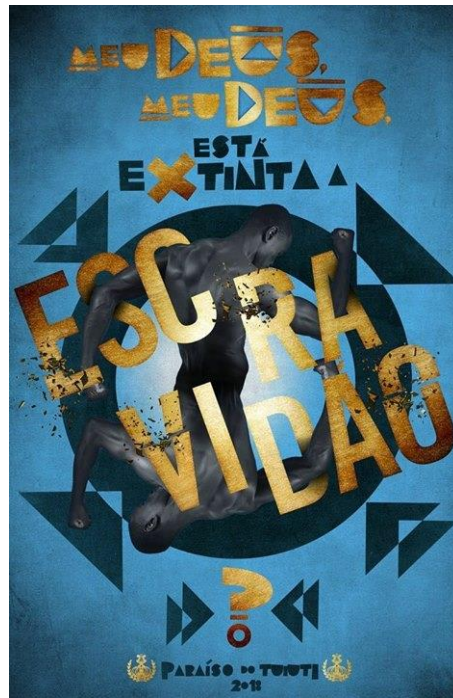
Figura 12: Desfile Campeão da Portela, 1984

Fonte: Blog Compositores da Portela



Figura 13: Desfile Campeão da Portela, 2017

Fonte: Isto É



Figuras 14, 15 e 16: Enredos críticos do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis e G.R.E.S.E.P. Mangueira, respectivamente, 2018

Fonte: Site Carnavalesco